

“EXILADO” NA PRÓPRIA PÁTRIA: UMA LEITURA INTERTEXTUAL DO LIVRO XII DE MARCIAL

Robson Tadeu Cesila
[DLCV/FFLCH/USP]

ABSTRACT

This paper aims to present a systematic intertextual reading of the book 12 of Martial's epigrams, the preface and the second poem of which are rich with allusions to Ovid's exile poetry.

Keywords: Martial, epigram, intertextuality, allusion, Ovid, exile poetry.

Dos quinze livros de epigramas escritos pelo poeta Marcial (c. 38 d.C.- c. 104), apenas dois – o III e o XII – não teriam sido escritos e publicados durante a permanência do autor em Roma.¹ O livro III fora escrito e viera à luz em 87 d.C., quando Marcial se encontrava em Fórum de Cornélio (atual Ímola, na Itália), localidade da então Gália Cisalpina, ao sul do rio Pó.² Quanto ao livro XII, a última obra do poeta, data de 101 ou 102, quando Marcial já se encontrava em sua terra natal, Bîlbilis, na Hispânia Tarraconense, para onde retornara no final de 98 d.C.³ e onde ficaria até sua morte, por volta do ano de 104.⁴

1 De acordo com a biografia do poeta que é largamente aceita – ainda que baseada majoritariamente nos próprios epigramas, em que pese a confiabilidade apenas relativa dos dados neles presentes –, Marcial, deixando sua terra natal, chegara a Roma em 64 d.C., ano do grande incêndio ocorrido sob o governo de Nero. Vejam-se o epigrama X.103 e E. Bickel, *Historia de la Literatura Romana*, Madrid, Gredos, 1982, p. 600.

2 J.P. Sullivan, *Martial: the unexpected classic*, Cambridge, University Press, 1991, p. 30.

3 Sullivan, p. 2.

4 A carta de Plínio, o Jovem, (*Ep.* III.21), datada provavelmente de 104 d.C. e que comunica a Cornélio Prisco a morte de Marcial, é a fonte para a data aproximada do falecimento. Trata-se do único texto antigo, com exceção da própria obra do epigramatista, que traz sobre ele algum dado biográfico.

Curiosamente, os epigramas iniciais desses dois volumes são repletos de alusões à poesia de exílio de Ovídio, o que leva à tese, aqui proposta, de que o epigramatista, ao ecoar tão fortemente, nos dois únicos livros não escritos em Roma, os *Tristes* e as *Epístolas do Ponto*, busca construir para si próprio a imagem de um poeta exilado, tal qual o Ovídio das obras citadas. Esse efeito de sentido, possibilitado pelas alusões, é o que tentarei demonstrar a seguir, por meio da leitura intertextual do prefácio e do epigrama 2 do livro XII de Marcial, lembrando que reservo a um artigo à parte o mesmo tipo de análise no âmbito do livro III.

Como o próprio poeta revela no prefácio do livro XII, a publicação da versão completa desse livro se deu três anos após seu retorno à terra natal, muito provavelmente, portanto, em 101 d.C. O embrião do livro XII teria sido o pequeno volume de que fala o poeta nesse prefácio e que fora organizado às pressas, naquele mesmo ano de 101, como presente de boas-vindas a Terêncio Prisco, amigo e patrono de Marcial⁵ e natural da mesma província da Hispânia Tarraconense, para onde retornava depois de permanecer seis anos em Roma. Pouco tempo depois, no final do mesmo ano, o livrinho feito para Prisco teria sido aumentado com epigramas que homenageavam outros amigos e patronos e com material inédito guardado há bastante tempo, como os epigramas 4 e 11, provavelmente escritos ainda em Roma, já que homenageiam personalidades àquela altura já falecidas, como Partênio, criado de quarto do imperador Domiciano, e o imperador Nerva.⁶ É essa versão aumentada que foi publicada como o livro XII de Marcial e é a que temos hoje.

A se acreditar nas freqüentes queixas presentes nos epigramas de Marcial, ele teria retornado à sua terra natal em razão das dificuldades da vida em Roma: as incômodas obrigações dos clientes para com seus patronos⁷, a ingratidão e avareza destes, a pouca valorização da atividade poética, a agitação e o barulho da capital, que não permitiam ao poeta sequer dormir etc. Trata-se de queixas constantes em toda a sua obra, mas que se intensificam nos livros X, XI e XII.⁸

5 H.J. Izaac, *Martial. Épigrammes*, Paris, Les Belles Lettres, 1933, v. II, parte II, p. 350. Vejam-se ainda os epigramas XII.1 e XII.62. Também citam ou homenageiam Terêncio Prisco VIII.45, XII.3 e XII.14.

6 Sullivan, p. 52.

7 Como saudar o patrono todas as manhãs (a *salutatio*), acompanhá-lo até o local de suas funções diárias, abrindo passagem para a sua liteira, aplaudi-lo em seus discursos no fórum, vaiando seus adversários, etc. Em troca, os clientes recebiam proteção, eventuais presentes e até mesmo a refeição diária, em geral concedida por meio de um valor em dinheiro, a *sportula*. (ver *OCD*³: 348, s.v. *cliens*).

8 Vejam-se X.58, 70, 74, 76, XI.24, XII.12, 13, 25, 36, 29, 36, 40, 48, 57, 60 e 81. A segunda edição do livro X fora publicada, é bom lembrar, em meados de 98 d.C., meses antes da partida do poeta para Babilis (a primeira edição saíra em 95); o livro XI é de dezembro de 96 d.C. (Sullivan, p. 44, 46).

Porém, a felicidade por conquistar uma vida calma na terra natal se dissipou rapidamente, como mostra o prefácio ao livro XII:

Valério Marcial ao seu amigo Prisco, saudações.

1. Sei que devo uma explicação para esta minha tão obstinada inércia de três anos, pois ela não deveria ser perdoada mesmo em meio àquelas ocupações de Roma, com as quais conseguimos mais facilmente parecer importunos que dedicados; menos ainda nesta solidão provinciana, onde, se não me aplico vorazmente às letras, meu retiro terá sido sem consolo e sem justificativa. 2. Compreende, então, as razões. 3. A primeira e mais importante delas é que procuro os ouvidos da cidade aos quais eu me acostumara, mas pareço estar litigando em fórum estrangeiro; com efeito, se algo há em meus livrinhos que possa agradar, foi o ouvinte que me ditou: aquela fineza das opiniões, aquela riqueza dos assuntos, e ainda as bibliotecas, os teatros, os festins, em que os prazeres não nos deixam nem perceber que estamos nos aplicando ao estudo, enfim, de todas aquelas coisas que, enfatiado, abandonei, sinto falta, como se delas tivesse sido privado. 4. Soma-se a isso o veneno dos dentes de meus compatriotas e a inveja no papel de crítico, e um ou dois maldosos, o que é muito para um lugar tão pequeno: é difícil ter estômago, todo dia, para estas coisas; não te admires, então, se foram desprezadas por mim, irritado, as coisas que eu costumava realizar com prazer. 5. No entanto, para que eu não as recuse também a ti, que chegas da Urbe e as pede – e a quem não demonstro minha gratidão se ofereço apenas o que posso –, ordenei a mim mesmo algo de que eu outrora costumava gostar, e me empenhei, durante alguns poucos dias, a fim de receber esses teus ouvidos, tão familiares a mim, com um presente de boas-vindas especialmente teu. 6. Da tua parte, gostaria que estes poemas, que somente junto de ti não correm nenhum perigo, avaliasse cuidadosamente, e que não te recusasses a examiná-los. E, o que é para ti o mais difícil, que julgues as minhas nugas pondo de lado a tua generosidade, de maneira que eu envie a Roma, se isso determinares, não um livro nascido, mas sim proveniente da Hispânia.

Valerius Martialis Prisco suo Salutem

1. *Scio me patrocinium debere contumacissimae trienni desidia; quo absoluenda non esset inter illas quoque urbicas occupationes, quibus facilius consequimur ut molesti potius quam ut officiosi esse uideamur; nedum in hac prouinciali solitudine, ubi nisi etiam intemperanter studemus, et sine solacio et sine excusatione secessimus.* 2. *Accipe ergo rationem.* 3. *In qua hoc maximum et primum est, quod ciuitatis aures quibus adsueueram quaero, et uideor mihi in alieno foro litigare; si quid est enim quod in libellis meis placeat, dictauit auditor: illam iudiciorum subtilitatem, illud materiarum ingenium, bibliothecas, theatra, conuictus, in quibus studere se uoluptates non sentiunt, ad summam omnium illa quae delicati reliquimus desideramus quasi destituti.* 4. *Accedit his municipalium robigo dentium et iudici loco liuor, et unus aut alter mali, in pusillo loco multi; aduersus quod difficile est habere cotidie bonum stomachum: ne mireris igitur abiecta ab indignante quae a gestiente fieri solebant.* 5. *Ne quid tamen et aduenienti tibi ab urbe et exigenti negarem – cui non refero gratiam, si tantum ea praesto quae possum –, inperauit mihi, quod indulgere consueueram, et studui paucissimis diebus, ut familiarissimas mihi aures tuas exciperem aduentoria sua.* 6. *Tu uelim ista, quae tantum apud te non periclitantur, diligenter aestimare et excutere non graueris; et, quod tibi difficillimum est, de nugis nostris iudices nitore seposito, ne Romam, si ita decreueris, non Hispaniensem librum mittamus, sed Hispanum.*

Apesar de possuir agora a tranquilidade e a ausência de preocupações que sempre almejou quando estava em Roma (cf. XII.18 e XII.68), Marcial sente falta da vida cultural e social da capital, onde tinha leitores para sua poesia e onde a diversidade social e agitação urbanas ofereciam temas e idéias

para o humor e a sátira de seus epigramas (cf. §3). A pasmaceira da vida na pequena e distante BÍbilis (cf. §1, *prouinciali solitudine*) tolhe a inspiração e o talento do poeta. Além disso, incomodam-no a inveja e as fofocas de seus contemporâneos (cf. §4).

A situação de Marcial lembra as queixas de Ovídio, em *Tristes* III.14 (última elegia do livro, por isso em posição de destaque e com conteúdo programático, a exemplo do prefácio de Marcial), quanto à falta de público leitor e de fontes bibliográficas na cidade de Tomos, o que prejudica drasticamente, segundo ele, sua veia poética:

Tr. III.14.25-52

Também este, qual seja, junta a meus livros,	25
Que enviado de um mundo remoto chega a ti.	
Quem o ler – se é que alguém o lerá – considere antes	
Em que momento e lugar foi escrito.	
Será justo com estes escritos, saberá que são	
Do tempo do exílio e de uma terra bárbara.	30
E entre tantas adversidades se admirará que eu ousasse	
Traçar algum verso com minha triste mão.	
Meu engenho, os males esfrangalharam, cuja fonte	
Já antes era pouco fecunda e modesta a veia.	
Mas, qual fosse, por não se cultivar, retraiu-se,	35
E seca pela longa inércia pereceu.	
Não há aqui muitos livros para me estimular e nutrir:	
Em vez de livros, arcos e armas ressoam.	
Não há ninguém nesta terra, se eu declamar meus versos,	
Que possa me dar ouvidos e compreender;	40
Não há para onde me retirar: a guarda da muralha	
E a porta fechada afastam os getas hostis.	
Às vezes procuro alguma palavra, nome, local,	
E não há ninguém que me possa informar.	
Ao tentar dizer algo, às vezes - que vergonha confessar! –	45
Faltam-me palavras e já não sei falar.	
Estou de todo cercado pela fala trácia e crítica	
E parece-me possível escrever em ritmos getas.	
Crê-me, temo que estejam misturadas ao latim	
E em meus escritos palavras pônticas leias.	50
Assim, qual seja, tem indulgência com este livro,	
E pela condição de minha sorte escusa-o. ⁹	
<i>Hoc quoque nescio quid nostris abpone libellis,</i>	25
<i>Diuerso missum quod tibi ab orbe uenit.</i>	
<i>Quod quicumque leget - si quis leget -, aestimet ante</i>	
<i>Compositum quo sit tempore quoque loco.</i>	

⁹ Tradução de P. Prata. *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*, Campinas, IEL/UNICAMP, 2007, p. 292-5 (Tese de Doutorado em Lingüística/Letras Clássicas).

<i>Aequus erit scriptis quorum cognouerit esse Exilium tempus barbariamque locum, Inque tot aduersis carmen mirabitur ullum Ducere me tristi sustinuisse manu. Ingenium fregere meum mala cuius et ante Fons infecundus paruaque uena fuit.</i>	30
<i>Sed quaecumque fuit, nullo exercente refugit, Et longo periit arida facta situ. Non hic librorum per quos inuiter alarque Copia: pro libris arcus et arma sonant. Nullus in hac terra, recitem si carmina, cuius Intellecturis auribus utar, adest;</i>	35
<i>Non quo secedam locus est: custodia muri Submouet infestos clausaque porta Getas. Saepe aliquod quaero uerbum nomenque locumque, Nec quisquam est a quo certior esse queam; Dicere saepe aliquid conanti - turpe fateri! - Verba mihi desunt dedidicique loqui.</i>	40
<i>Threicio Scythicoque fere circumsonor ore Et uideor Geticis scribere posse modis. Crede mihi, timeo ne sint inmixta Latinis Inque meis scriptis Pontica uerba legas.</i>	45
<i>Qualemcumque igitur uenia dignare libellum, Sortis et excusa condicione meae.</i>	50

Penso que Marcial, em seu texto, se coloca como um exilado ovidiano, preparando o terreno, já no prefácio, para as alusões mais evidentes à poesia de exílio de Ovídio presentes no epigrama 2 do livro XII, como se verá abaixo. Embora tenha voltado à terra natal, o epigramatista se sente em terra estrangeira, como ele próprio confessa na metáfora do “fórum estrangeiro” (cf. §3): por não encontrar na província os ouvidos (*aures*) a que estava acostumado em Roma, sente-se como um orador defendendo causas (*litigare*) em um fórum de país estrangeiro. Ovídio, nos versos 39-40, se queixara também da falta de ouvintes a quem recitar seus versos, até porque poucos, na longínqua região para onde foi exilado, compreendem o latim; não pode, além disso, procurar outro local em que compreendam, pois as portas ficam permanentemente fechadas por causa das hordas bárbaras (vv. 41-42). O perigo da região e, mais que isso, a barreira lingüística, tolhe, além disso, qualquer tentativa de vida social para o poeta dos *Tristes* (cf. vv. 43-50). Marcial, da mesma forma, se queixa da falta, em Bîlbilis, de bibliotecas, teatros e banquetes, onde podia encontrar o leitor-ouvinte, aquele que era, a um só tempo, o público, o crítico e o tema de seus livros (cf. §3). A falta de bibliotecas, aliás, ecoa a queixa quanto à carência de livros que Ovídio faz nos versos 37-38¹⁰.

Além disso, Bîlbilis, apesar de ser cidade romanizada e ter obtido o título de *municipium* romano já sob Augusto e Tibério, fora originalmente uma

10 Cf. também Catulo 68.31-40.

cidade bárbara, fundada pelos iberos¹¹, que em tempos pré-históricos haviam se estabelecido, juntamente com os celtas, por toda a região que é hoje a Península Ibérica¹². Marcial, em IV.55, brinca carinhosamente com os nomes rústicos, bárbaros e estranhos dos lugarejos da região de Bîlbilis, fazendo referência à origem celtibérica de sua província natal. Outras referências ao exotismo desses topônimos e à origem bárbara da região podem ser colhidas em várias outras passagens de sua obra: I.49, VII.52.3, X.13, X.65, X.78, X.104, XII.9, XII.18.11-12 e XII.21.1-22. Assim, o confronto poético com a distante e bárbara Tomos (cf. acima, sobretudo, os versos 26, 30, 42 e 47-50 da elegia III.14) para onde Ovídio foi mandado pode ser facilmente construído, para o que contribui o trocadilho final do prefácio de Marcial: Terêncio Prisco deve ler e avaliar, cuidadosamente e com isenção, os poemas do epigramatista, para que uma eventual versão enviada a Roma não tenha os vícios e defeitos que seriam normais num livro *nascido* numa região bárbara (cf. *Hispaniensem*), escrito por um poeta nativo dessa região e possuidor, portanto, de possíveis defeitos poéticos inerentes a essa condição, mas sim, que tal versão seja apenas *proveniente* dessa região bárbara (*Hispanum*), escrita por um poeta que, embora nativo, tem seus defeitos poéticos corrigidos pelo amigo. Subjaz também, nesse jogo de palavras, o *status* diferenciado de Marcial em relação ao conjunto dos poetas-nativos-de-terras-bárbaras, já que o epigramatista estivera, até bem pouco tempo, entre os romanos. *Status* que, ao mesmo tempo, o aproxima da condição de Ovídio.

A imagem de Marcial é, portanto, a de um “exilado”, ainda que em sua terra natal. Ela é distante de Roma, é grosseira, rude e bárbara, e é nociva à criação poética. Assim como Ovídio, ele se constrói como duplamente estrangeiro: entre os seus compatriotas, que deixou há muito tempo e que não correspondem social e culturalmente às suas expectativas, e em relação aos habitantes de Roma, a quem seus livros serão sempre enviados com o rótulo – ou, ao menos, o temor do rótulo – de estrangeiros. Em Ovídio, obviamente, esse sentimento é infinitamente mais dramático e lamentoso, permeando, aliás, toda a sua obra de exílio; afinal, ele se encontrava efetivamente exilado e em terras muito menos romanizadas, além de muito mais perigosas. Em Marcial, trata-se de uma imagem construída por meio dos intertextos ovidianos e traduzida simplesmente num certo despeito em relação a seus conterrâneos e uma certa angústia de poeta já em final de vida.

A decadência da criatividade poética causada pelas vicissitudes do exílio é, como lembra Hinds, um tropo das obras de exílio de Ovídio, fato que, porém, não deve, segundo o teórico, levar à postura radical oposta de ignorar

11 M. Grant, *A Guide to the Ancient World: A Dictionary of Classical Place Names*, New York, Barnes & Noble, 1997, p. 111, s.v.

12 Grant, p. 295, s.v. “Hispania”.

toda e qualquer experiência vivida pelo poeta.¹³ É nesse sentido que se pode dizer que Ovídio viveu realmente um exílio e que, em Marcial, trata-se de uma imagem de exílio, ou, para usar as aspas de Hinds, trata-se de um “exílio”, construído a partir das alusões à obra de Ovídio e, especialmente, ao trecho acima transcrito da elegia III.14. Mas há, nos dois textos, tanto imagens poéticas quanto dados possivelmente próximos da realidade, sendo perigoso tentar dissociar e classificar estes dois tipos de material. Basta mencionar, por exemplo, que ambos possuem um destinatário certamente real, ainda que o de Ovídio seja apenas inferido, Gaio Júlio Higino, que trabalhava na biblioteca do Palatino¹⁴. O de Marcial, como já mencionado, é seu patrono e amigo Terêncio Prisco. A imagem de decadência poética provocada pelo exílio em terras distantes e culturalmente atrasadas serve de escusa – sincera ou aparente – para a eventual qualidade inferior dos poemas que são mandados a esses destinatários. No caso de Marcial, serve também para destacar a alta estima em que tem seu conterrâneo e patrono, a quem abre uma exceção e prepara, com algum esforço, uma coletânea de epigramas como presente de boas-vindas, vencendo a calmaria poética em que se viu preso desde que retornara a BÍbilis.

Outras elegias que trazem o mesmo tema do prejuízo trazido à inspiração e ao talento poéticos pelas dificuldades do exílio são *Tristes* IV.1 e V.12. Não vou reproduzi-las aqui, pois as conclusões de sua leitura intertextual em confronto com o prefácio do livro XII de Marcial seriam praticamente as mesmas sugeridas para *Tr.* III.14. Basta mencionarmos que, na primeira, que abre o livro IV (o que explica seu conteúdo metapoético), Ovídio fala de sua incapacidade de abandonar a poesia, mesmo que ela tenha sido a sua perdição e que as condições para o seu cultivo, no exílio, sejam as mais adversas. Dentre estas, o poeta menciona, além do perigo e da intranquilidade da região, a falta de ouvintes para sua poesia e a ausência até de falantes da língua latina (vv. 89-94). Na elegia V.12, de conteúdo parecido ao da anterior, o poeta responde a alguém que lhe aconselhou a escrever versos para amenizar as agruras de seu exílio. Diz que isso é difícil para quem enfrenta tantas adversidades prejudiciais ao talento poético e acrescenta que lança ao fogo tudo o que tenta escrever. Os motivos da pouca inspiração são, mais uma vez, a falta de paz de espírito em razão do perigo das invasões bárbaras, a inexistência de um público ouvinte que entenda sua poesia ou, ao menos, o latim, e, como na elegia III.14, também a carência de fontes bibliográficas.

Vejamos agora o epigrama XII.2, um poema de abertura composto de acordo com o esquema retórico de *propemptikón*¹⁵: Marcial, em terras

13 S. Hinds, *Allusion and Intertext: dynamics of appropriation in Roman poetry*, Cambridge, University Press, 1998, p. 89-91.

14 Prata, p. 291, n. 305.

15 Ver F. Cairns, *Generic Composition in Greek and Roman Poetry*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 1972, p. 6-16, que define o *propemptikón* como o gênero em que um falante, que está ficando num determinado lugar, se dirige a alguém que está partindo.

bilbilitanas, se dirige a seu livro, prestes a partir, agora como estrangeiro, para Roma. Há forte intertextualidade com a elegia de abertura do livro I dos *Tristes*, a começar pela própria técnica de se dirigir a um livro que parte do exílio para a capital do Império:

Marcial XII.2

Antes eras da Urbe, livro, enviado aos povos,
 agora a Roma irás como estrangeiro,
 da nação vindo do áureo Tago e do bravio
 Salão, meus pátrios rios de um chão egrégio.
 Mas não serás um hóspede ou dito estrangeiro, 5
 tendo tantos irmãos no lar de Remo.
 Busca – e podes! – do Templo Novo a porta augusta,
 onde um lar tem de novo o piério coro.
 Ou, se preferes, vai à entrada da Subura,
 lá estão os nobres átrios de meu cônsul: 10
 facundo, Estela habita ali láureos penates,
 o ilustre Estela, da água hiantéia ávido;
 castália fonte ali do vítreo fluxo orgulha-se,
 de onde as Musas, se diz, sempre beberam.
 Vai dar-te a ler ao povo, ao senado, aos eqüestres, 15
 e ele mesmo não vai te ler sem lágrimas.
 Pra que um título? Leiam-se dois ou três versos,
 e todos bradarão, livro, que és meu!

*Ad populos mitti qui nuper ab urbe solebas,
 ibis io Romam nunc peregrine liber
 auriferi de gente Tagi tetricique Salonis,
 dat patrios amnes quos mihi terra potens.
 Non tamen hospes eris nec iam potes aduena dici, 5
 cuius habet fratres tot domus alta Remi.
 Iure tuo ueneranda noui pete limina templi,
 reddita Pierio sunt ubi tecta choro.
 Vel si malueris, prima gradiere Subura;
 atria sunt illic consulis alta mei: 10
 laurigeros habitat facundus Stella penatis,
 clarus Hyanteae Stella sititor aquae;
 fons ibi Castalius uitreo torrente superbit,
 unde nouem dominas saepe bibisse ferunt:
 ille dabit populo patribusque equitique legendum 15
 nec nimium siccis perleget ipse genis.
 Quid titulum poscis? Versus duo tresue legantur,
 clamabunt omnes te, liber, esse meum.*

O livro de Marcial, que antes era enviado de Roma para os vários povos do Império, agora faz o caminho inverso, indo a Roma como peregrino. Compare-se com os primeiros versos de *Tr.* I.1:

***Tr.* 1.1.1-4**

Ó meu pequeno livro - e não invejo - irás a Roma sem mim:
 Aonde, ai de mim!, a teu senhor não é permitido ir.

Vai, mas sem ornatos como convém ser o de um exilado.
 Infeliz, exhibe o aspecto desta presente situação.¹⁶

*Parue - nec inuideo - sine me, liber, ibis in Vrbem:
 Ei mihi! quo domino non licet ire tuo.
 Vade, sed incultus, qualem decet exsulis esse;
 Infelix, habitum temporis huius habe!*

Note-se que o verbo de movimento usado pelo epigramatista no verso 2 é o mesmo de *Tr.* I.1.1, *ibis*, bem como o local de destino, apesar de expresso com palavras diferentes (*Vrbem/Romam*). Quanto ao ponto de partida, o temos bem claro nos versos 3-4 de Marcial: a região natal do poeta, banhada pelos rios Tago e Salão (o Tejo e o Jalón atuais, respectivamente).¹⁷ Em Ovídio, o local de onde envia o livro só é indicado nos dois últimos versos da elegia, em que ele afirma que sua nova morada é nos confins do mundo, numa terra distante da sua terra (... *nobis habitabitur orbis/ ultimus, a terra terra remota mea*). Porém, o verso 4 de Marcial, que menciona os nomes dos rios da região natal, parece retomar elementos de outro verso da elegia ovidiana: depois de desejar que a ira de Augusto se apazigüe, Ovídio faz votos de que o príncipe lhe permita retornar à sua pátria antes de morrer:

Tr. I.1.33-34

(...) apaziguada a ira do príncipe,
 Permita-me morrer na minha pátria!¹⁸

(...) *rata sint ablataque principis ira
 Sedibus in patriis det mihi posse mori.*

Também pentâmetro, como o verso 34 de Ovídio, o verso de Marcial retoma deste o verbo *dare* (*dat*), o adjetivo *patrius* (*patriis*), o verbo *posse* (*potens*) e o pronome *mihi*, este último, inclusive, no mesmo pé poético do verso, o primeiro dátilo depois da cesura. Apesar das relações sintáticas entre as palavras serem diferentes nos dois versos, bem como o significado exato de ambos, há, como denominador comum, o tema da pátria, ponto fulcral tanto na poesia de exílio de Ovídio quanto no livro XII de Marcial: aquele quer a

¹⁶ Trad. de Prata, p. 121.

¹⁷ O Tago nascia na Hispânia Tarraconense (hoje, na Espanha), não distante de Bilbilis (Grant, p. 619, s.v.). A qualificação *auriferus* (v. 3) se deve às muitas minas de ouro que havia nas Hispânias, especialmente na Bética e no noroeste da Tarraconense (cf. *OCD*³, p. 723, s.v. “gold”). Sobre o Tejo e/ou seu ouro, vejam-se também I.49.15, IV.55.2, VI.86.5, VII.88.7, VIII.78.6, X.17.4, X.65.4, X.78.12 e X.96.3. Quanto ao Salão, banhava a cidade do poeta, indo depois desembocar no Ebro (Grant, p. 111, s.v. “Bilbilis”). Suas águas geladas parecem ter sido adequadas para dar têmpera ao ferro na produção de armas (cf. I.49.12, IV.55.15, XII.21.1 e *Aph.* 33.2). Vejam-se também X.13.1, X.96.3, X.103.2 e X.104.6.

¹⁸ Trad. de Prata, p. 123.

todo custo o perdão do imperador e a sua autorização para retornar à pátria; este, embora se encontre na pátria natal, entre tão familiares cursos d'água, se apresenta como um “exilado”, pois deixou Roma, sua pátria de adoção, sua pátria espiritual, para onde seu livro vai, agora, como estrangeiro.

Nos versos 5-6, entretanto, Marcial corrige a afirmação de seu verso 2: seu livro não será um hóspede (*hospes*) em Roma nem pode ainda (*iam*) ser chamado, lá, de estrangeiro (*aduenā*), pois não faz tanto tempo que seu autor deixou a cidade (*iam*) e, além disso, o livro tem na casa de Remo muitos outros irmãos (*fratres*): os outros quatorze livros, lá publicados (ou treze, se excluirmos o livro III, enviado a partir de Fórum de Cornélio). Ovídio, na parte final de sua elegia I.1 dos *Tristes*, imagina a situação em que seu livro chega ao palácio de Augusto e encontra os outros volumes que o poeta escrevera (inclusive, escondidos, os três livros da *Arte de Amar*), os quais chama igualmente “irmãos” (*fratres*, v. 107) do livro que vem de Tomos:

Tr. I.1.105-112

Mas, quando fores acolhido em minha casa	105
E encontrares uma caixa arredondada, teu lar,	
Verás lá colocados ordenadamente teus irmãos,	
Que foram todos elaborados com o mesmo empenho.	
Todos os demais mostrarão abertamente seus títulos	
E levarão na frente descoberta seu nome,	110
Verás três escondidos ao longe num local escuro –	
Estes que, como ninguém ignora, ensinam a amar. ¹⁹	
<i>Cum tamen in nostrum fueris penetrare receptus</i>	105
<i>Contigerisque tuam, scrinia curua, domum,</i>	
<i>Aspicias illic positos ex ordine fratres</i>	
<i>Quos studium cunctos euigilauit idem.</i>	
<i>Cetera turba palam titulos ostendet apertos</i>	
<i>Et sua detecta nomina fronte geret;</i>	110
<i>Tres procul obscura latitantes parte uidebis –</i>	
<i>Hic qui, quod nemo nescit, amare docent.</i>	

Mas o livro de Marcial, embora vá inicialmente a Roma como estrangeiro (v. 2), não se sentirá como tal nem será assim chamado, pois tem a companhia de livros-irmãos publicados em Roma; o livro de Ovídio, ao contrário, continuará sendo um tímido e infeliz livro estrangeiro a buscar em Roma o perdão para seu pai exilado, pois foram justamente alguns de seus “livros-irmãos” (os três livros da *Arte de Amar*) os responsáveis pela desgraça paterna. O pequeno livro de Ovídio deverá, inclusive, ter na própria aparência as marcas negativas do exílio (cf. *Tr. I.1.3-14*).

No trecho do epigrama que vai do verso 7 ao 14, Marcial fornece a seu livro informações de trajeto visando a guiá-lo até o Templo Novo e, num

¹⁹ Trad. de Prata, p. 129.

segundo momento, até a casa de Estela. Na elegia I.1, Ovídio, depois de uma hesitação inicial, acaba enviando seu livro até o palácio de Augusto, dando sucinta indicação sobre a sua localização²⁰:

Tr. I.1.69-70

Talvez esperes que eu te ordene
Subir ao alto do Palatino e casa de César?²¹

*Forsitan expectes, an in alta palatia missum
Scandere te iubeam Caesareamque domum?*

O Templo Novo (*Templum Nouum*), para onde Marcial manda, inicialmente, seu livro dirigir-se (vv. 7-8), fora, curiosamente, construído pelo mesmo imperador Augusto a cuja casa Ovídio envia seu triste livrinho. O Templo, uma auto-homenagem do imperador e também conhecido como Templo do Divino Augusto (*Templum Diui Augusti*), ficava na encosta do Palatino²². Segundo Izaak, Tibério construíra, ao lado do templo, uma biblioteca consagrada às Musas (cf. *Pierio ... choro*, v. 8), que sofrera um incêndio sob Nero e fora, depois, reconstruída e posteriormente deslocada dali por Domiciano, sendo, finalmente, ali recolocada (cf. *reddita sunt*) por Trajano.²³ A biblioteca anexa é o motivo de Marcial mandar seu livro até esse local: nela haveria também, certamente, exemplares dos outros livros do autor, referidos no verso 6. O livro de Ovídio também encontrará seus irmãos na biblioteca do palácio de Augusto (cf. vv. 105-108), no alto do Palatino²⁴, mas note-se o contraste: enquanto o livro ovidiano vai temeroso e com medo de se expor na casa em que mora Augusto, aquele que ordenou seu exílio, o livro de Marcial, ainda que venha de terra estrangeira, irá sem temor para a biblioteca do Templo, construído outrora pelo mesmo Augusto, pois tem todo o direito de fazê-lo, como indica a expressão *iure tuo* posicionada enfaticamente no início do verso 7 do epigrama.

Mas não se deve esquecer a sutil homenagem do epigramatista, nos versos 7-8, ao César do momento. O Templo Novo foi construído por Augusto, mas o fato que Marcial celebra na passagem é a realocação feita por Trajano, ao lado desse templo, da biblioteca consagrada às Musas. Esse dado histórico é importante porque exemplifica uma atitude assumida pelo poeta de BÍlbilis, anos antes da publicação do livro XII, que nos permite mais uma rica associação com Ovídio e com sua poesia. Como bem notou Sullivan, após a morte, em

²⁰ Cf. também *Pont.* IV.5.1-10 e *Tr.* III.1.27-82.

²¹ Trad. de Prata, p. 125.

²² *CLS*³, p. 39.

²³ H.J. Izaak, *Martial. Épigrammes*, Paris, Les Belles Lettres, ²1961, v. II, parte I, p. 157, n. 6.

²⁴ O palácio de Augusto era um complexo de construções que incluía um pórtico, bibliotecas e o novo templo de Apolo (*OCD*³, p. 1099, s.v. “Palatine”).

meados de 96 d.C., de Domiciano, Marcial se vê numa situação no mínimo incômoda diante dos novos soberanos, já que, desde o seu primeiro livro, o *De Spectaculis*, louvara e celebrara intensamente, em seus epigramas, a dinastia Flávia, sobretudo o terceiro de seus imperadores, Domiciano²⁵. A partir do assassinato deste, o poeta tenta, tímida e embaraçadamente, louvar os novos imperadores: Nerva, que assumiu após o assassinato e que ficaria no poder até 98²⁶, e Trajano, que governou de 98 a 117 d.C.²⁷. A menção da realocação da biblioteca em seu antigo local, ao lado do Templo Novo, é uma tímida e sutil homenagem ao imperador Trajano, num epigrama que tem por homenageado principal o amigo e patrono Estela. Marcial, apesar da segurança que demonstra ao mandar seu livro se dirigir a essa biblioteca, frisando que o livro tem todo o direito de fazê-lo (*iure tuo*), não obteve, ao que tudo indica, os mesmos benefícios, sob Trajano, que tivera durante o governo de Domiciano, nem gozou da mesma estima e simpatia que parece ter tido junto aos soberanos da dinastia Flávia. Nem mesmo de Nerva obtivera melhor acolhimento, apesar de conhecê-lo já antes da ascensão ao poder e de compartilhar com ele o cultivo da poesia (cf. VIII.70 e IX.26). Um poeta tão fortemente ligado à corte de Domiciano dificilmente conseguiria ter sua imagem dela dissociada, lembra Sullivan²⁸, mesmo escrevendo alguns epigramas com censuras ao governo do César assassinado, como X.72 e XII.3. Esse estudioso defende ainda que a mudança na conjuntura política pode ter acelerado – ou mesmo ser a causa – da partida do poeta para BÍlbilis²⁹, onde o poeta teria sido recebido com alguma reserva por seus conterrâneos, que ainda o viam ligado ao governo que louvara durante tantos anos, como mostra o § 4 do prefácio do livro XII.³⁰

25 Sullivan, p. 44 ss. Domiciano é a personalidade mais citada em todo o *corpus* de Marcial, segundo P. White (*The friends of Martial, Statius, and Pliny, and the dispersal of patronage*, HSCPh, 79, 265-300, 1975, p. 270).

26 Cf. XI.2, XI.3, XI.4, XI.5, XII.4, XII.5 e XII.11.

27 Cf. X.6, X.7, X.34, X.72, XII.8 e XII.9. Os livros X, XI e XII, publicados, respectivamente, em 98 (2ª edição), 96 e 101, trazem, em sua organização, as marcas da mudança da conjuntura política. Com o assassinato de Domiciano, poemas em seu louvor foram substituídos ou adaptados para louvar os novos imperadores; outros foram suprimidos para dar lugar a material apolítico e foram ainda acrescentados alguns poemas visando a denegrir a imagem do ex-imperador. Conseqüentemente, a segunda edição do livro X teria sido bastante diferente da primeira, publicada em 95, ainda sob o governo de Domiciano. O livro XI, que saiu no mesmo ano do assassinato, teria sido modificado às pressas, com a adição dos epigramas 2-5, que homenageiam Nerva, o novo imperador. O livro XII, publicado durante o governo de Trajano, que assumira o poder em janeiro de 98, apresenta poemas que celebram os feitos desse imperador, mas contém igualmente peças dedicadas a Nerva, o que mostra que foram compostos antes de 98 d.C. Para mais detalhes sobre esses três livros e seus problemas de organização e datação, veja-se Sullivan, p. 44 ss.

28 Sullivan, p. 47.

29 Sullivan, p. 52.

30 Sullivan, p. 48.

Chegamos, aqui, ao ponto que nos interessa: se Ovídio fora exilado pelo imperador Augusto, cujo perdão ele desesperadamente busca nos *Tristes* e nas *Cartas do Ponto*, Marcial tenta, após a morte de Domiciano, seja ainda em Roma, seja em seu “exílio” em Bîbilis, louvar os imperadores da nova ordem reinante, a fim de obter deles os mesmos benefícios e a mesma proteção que tinha durante toda a vigência da dinastia dos Flávios. Apesar de serem situações muito diferentes, trata-se de mais um elemento que contribui na formação, no livro XII, da imagem de poeta “exilado” de Marcial. Os *duo crimina* (*Tr.* II.207) – um misterioso *error* e o malfadado *carmen* (a *Ars Amatoria*) – que teriam levado ao exílio de Ovídio poderiam, no caso de Marcial, ser facilmente resumidos num único “crime”: o de ter celebrado as glórias de um governo que, a partir de setembro de 96 d.C., já não mais existia.

O outro local para onde Marcial guia seu livro – se este assim preferir (cf. *si malueris*, v. 9) – é a casa de Estela (Lúcio Arrúncio Estela), amigo e patrono do poeta e *consul suffectus* (cf. v. 10, *atria ... consulis*) à época da composição do presente epigrama, em 101 ou 102 d.C.³¹ A casa de Estela ficava no começo da Subura (vv. 9-10), bairro populoso e célebre pela agitação, barulho, sujeira e prostituição, mas que também possuía alguns moradores ilustres e residências ricas.³² Se Ovídio guiara seu livro até o palácio do imperador Augusto, onde o volume adentra temeroso, o livro de Marcial não tem por que temer, pois está, na casa de Estela, entre amigos (cf. o pronome *mei*, v. 10); além disso, seu patrono também é poeta, como mostra a sua caracterização, nos versos 11-14, como “hâbil ao se expressar” (*facundus*), “sedento da água hiantéia” (*Hyanteae ... sititor aquae*)³³ e possuidor, em sua casa, de uma fonte idêntica à fonte Castália, onde bebiam as Musas (*nouem dominas*).³⁴ O tom elevado do trecho reforça a homenagem a Estela e a sua associação à poesia e às Musas: uso do sinônimo poético de “casa” *penatis* (v. 11); uso, nessa mesma palavra, de terminação arcaizante de acusativo; disposição de *habitat facundus Stella* “dentro” do sintagma *laurigeros ... penatis*,

31 Ver *OCD*³, p. 176, s.v. Rico e erudito, fora um importante patrono das letras em sua época, além de também escrever poesia (*ibid.*). No *corpus* de Marcial, é a terceira personalidade mais citada, depois do imperador Domiciano e de Flaco, outro rico amigo do epigramatista (ver White, p. 270): I.7, I.61, IV.6, V.11, VI.21, VII.14, VIII.78, IX.42, X.48 etc., ao todo 21 epigramas. Cf. também Estácio, *Siluae* I.2.177 ss.

32 *OCD*³, p. 1451, s.v. A Subura ficava no vale entre as colinas do Viminal e do Esquilino. Possuía também movimentado comércio e abrigava muitas oficinas de artesãos (*ibid.*).

33 Os beócios, em cujo território ficava o monte Hélicon, uma das pátrias das Musas na tradição poética, eram também conhecidos por seu antigo nome, hiantes (ver *OLD*³: 810, s.v. *Hyantes* e *Hyanteus*).

34 A fonte Castália, dedicada a Apolo e às suas irmãs, as nove Musas, ficava perto do santuário consagrado ao deus em Delfos, nas encostas do monte Parnaso, na Fócia (Grécia central).

representando graficamente, no verso, o local *em que* Estela habita (v. 11); léxico especioso e alusivo à atividade poética (*Hyanteae aquae, Castalius, nouem dominas*); epanalepse do nome do patrono nos versos 11 e 12³⁵; evocação de passado mítico com o verbo *ferunt* (v. 14); e aliterações em [s], [t] e líquidas no verso 12 (*cLaRuS hyanTeae STeLLa SiTiToR aquae*) e em fricativas e em líquidas no verso 13 (*FonS ibi caStaLiuS uitReo toRRente SupeRbit*), evocando talvez o ruído das águas e da fonte mencionadas na passagem.

Estela, talvez em decorrência de seu cargo e de sua influência, tem acesso a todas as camadas sociais, e pode, assim, fazer com que o livro de Marcial seja lido pelo povo, pelos senadores e pelos cavaleiros (cf. v. 15); o próprio Estela, diz o epigramatista a seu livro (v. 16), será incapaz de lê-lo até o fim (*perleget*) com as faces totalmente secas (*nimum siccis ... genis*). Seriam lágrimas de felicidade? Lágrimas de emoção, já que Estela recebe um livro vindo do estrangeiro, de um poeta amigo que não está mais em Roma e que não publica nada há algum tempo? Aqui, é difícil não concluir que Marcial se coloca como um exilado ovidiano, quando lemos os seguintes versos da elegia I.1³⁶:

Tr. I.1.27-28

Encontrarás alguém que chore minha perda
E não leia esses teus versos com os olhos secos³⁷

*Inuenies aliquem qui me suspiret ademptum
Carmina nec siccis perlegat ista genis,*

Nessa parte da elegia, Ovídio aventa a hipótese de seu livro encontrar em Roma alguém que se lembre do desgraçado poeta e peça notícias dele, ao que o livro deve responder cautelosamente somente o necessário (cf. *Tr. I.1.17ss.*). Vêm então os versos que acabamos de transcrever, em que o poeta acrescenta que o livro encontrará alguém que, com pena do autor exilado, lerá emocionado os versos contidos no volume. Marcial, ao imitar o verso ovidiano, traz para seu poema toda a ambientação triste e lamentosa da elegia de Ovídio, o que vem se somar a todos os outros elementos, os quais vimos insistentemente elencando, que atuam no efeito geral de construção, no texto de Marcial, da imagem de poeta “exilado” para o epigramatista, agora morador da distante BÍlbilis.

³⁵ Ver J. Wills, *Repetition in Latin Poetry: Figures of Allusion*, Oxford/New York, Oxford University Press, 1996, p. 169. Segundo esse autor (p. 124), a epanalepse é um tipo de gemação expandida (*expanded gemination*) em que uma palavra em posição marcada do verso (começo, meio, fim) é repetida no início ou próxima do início do verso seguinte. Em Marcial, é um recurso utilizado quando se trata de destacar e enfatizar nomes de pessoas homenageadas (Wills, p. 169).

³⁶ Ver A. Zingerle, *Martialis Ovidstudien. Untersuchungen*, Innsbruck, 1877, p. 27.

³⁷ Trad. de Prata, p. 123.

Vale a pena comentar como se deu, no verso 16 do epigrama, a imitação do verso ovidiano. Ambos os versos são pentâmetros, e Marcial manteve o mesmo andamento rítmico do verso de Ovídio, mesmo nos dois pés iniciais, que, no esquema desse tipo de verso, gozam de maior liberdade, podendo utilizar espondeus ou dátilos. O sintagma *siccis genis*, além de ter a mesma forma, ocupa também a mesma posição, em XII.2.16, que tinha no verso dos *Tristes*: a primeira sílaba do adjetivo participa do espondeu do segundo pé e a segunda sílaba é a longa que marca a cesura; o substantivo, por sua vez, é a última palavra do verso, compondo o dátilo obrigatório do quinto pé e a sílaba isolada do último.³⁸

cārmĩnā/nēc sīc/cīs/ pērlēgāt/ īstā gē/nīs (Ovídio),
nēc nīmī/īum sīc/cīs/ pērlēgēt/ īpsē gē/nīs (Marcial).

Quanto ao verbo *perlegat*, foi usado por Marcial, com modificação do tempo de presente do subjuntivo para futuro do indicativo, na formação do primeiro dátilo obrigatório depois da cesura, da mesma forma que no verso ovidiano. Temos, enfim, um pronome participando da formação do segundo dátilo obrigatório depois da cesura, embora sejam pronomes diferentes, *ista* em Ovídio, *ipse* em Marcial: *ipse* é sujeito e se refere àquele que não vai ler o livro com as faces secas (Estela); *ista*, no verso da elegia, é termo acessório de *carmina*, objeto de *perlegat* (em Marcial, o objeto de *perleget* é um *te* subentendido, referindo-se ao próprio livro). Vale registrar ainda a conjunção *nec*, retomada também pelo epigramatista, embora não na mesma posição no verso.

O advérbio *nimum*, inovação do poeta de BÍlbilis em relação ao verso ovidiano, pode marcar uma diferença semântica importante: o leitor que o livro de Ovídio vai encontrar chorará ao ler os versos; Estela, porém, ao percorrer o livro de Marcial até o final, chorará *só um pouco*: “e ele próprio não te lerá até o fim com as faces *totalmente* (*nimum*) secas”. Este livro, embora seja de um poeta também “exilado”, não é infeliz como o livro de Ovídio (não traz as marcas físicas do exílio, não é hóspede nem chamado “estrangeiro” em Roma, pois tem ali outros irmãos acolhidos, cf. vv. 5-6); o livro de Marcial já tem, na Urbe, alguém que o acolha, Estela, amigo, patrono e – principalmente – figura consular, enquanto o livro ovidiano vai encontrar apenas um fortuito “alguém” (*aliquem*) que terá pena dele e de seu autor, um alguém dentre o povo, anônimo, que não é sequer nomeado. As lágrimas de Estela podem ser de saudades do poeta, de emoção com os poemas do livro, de felicidade ao receber o volume; as desse “alguém” que o livro ovidiano encontra são certamente de pena, tristeza e comiseração.

38 Veja-se também Tr. V.1.58: *non tamen et siccas iussit habere genas*.

Reforçando a intertextualidade com a obra de exílio de Ovídio, Marcial encerra o epigrama XII.2 com mais uma alusão à elegia I.1 dos *Tristes*. O livro enviado pelo epigramatista quer que este lhe dê um título, o que é desnecessário, garante o poeta, pois todos perceberão quem é o autor depois de se lerem apenas alguns versos. Compare-se com a seguinte passagem de Ovídio:

Tr. I.1.59-62

Não penses, porque vens forasteiro para a grande Cidade,
 Poder chegar sem ser reconhecido pelo povo.
 Mesmo carecendo de um título, serás reconhecido pelo teu aspecto,
 E mesmo que queiras dissimular, está claro que és meu.³⁹

*Nec te, quod uenias magnam peregrinus in urbem,
 Ignotum populo posse uenire puta.
 Vt título careas, ipso noscere colore,
 Dissimulare uelis, te liquet esse meum.*

A situação é muito parecida: os livros não têm títulos, mas, por motivos específicos (a aparência exterior, em Ovídio; o conteúdo, em Marcial), sua autoria será facilmente reconhecida. Além disso, os elementos formais de ambas as passagens também marcam fortemente a relação intertextual entre elas. Nos versos 61 da elegia e 17 do epigrama, *titulus* ocupa a mesma posição como segunda palavra do hexâmetro, participando da formação dos dois primeiros pés (e o primeiro pé é dátilo em ambos os versos: *ut tĩtũ/lõ cãřẽ/ãs*, em Ovídio; *quĩd tĩtũ/lũm põs/cĩs?*, em Marcial); segue-se um verbo na segunda pessoa do singular, cujo sujeito é o livro ao qual o poeta está se dirigindo (*careas/poscis*); na porção final do mesmo verso é inserida a causa do reconhecimento do autor. Nos versos seguintes (62 e 18, respectivamente), temos um verbo iniciando o pentâmetro (*dissimulare/clamabunt*) e, a partir da cesura, palavras quase idênticas, ocupando exatamente os mesmos lugares no esquema métrico-rítmico:

dĩssĩmũ /larẽvẽ/lts/ tẽ licẽt/ ěssẽ mẽ/ũm (Ovídio),
clãmã /bũnt õm/nẽs/ tẽ, lĩbẽr,/ ěssẽ mẽ/ũm (Marcial).

Note-se que a única palavra do segundo hemistíquio que foi alterada (*licet* em Ovídio, *liber* em Marcial) mantém, porém, a semelhança sonora, além de ocupar o mesmo local no verso: o primeiro dátilo depois da cesura.

Essas alusões dos dois versos finais de XII.2, apesar de contribuírem no efeito geral do epigrama (e do livro XII como um todo) de formação, para seu autor, de uma imagem ovidiana de poeta “exilado”, deixam entrever, ao mesmo tempo, as diferenças entre as condições dos dois poetas: o livro de Ovídio, que

tem uma aparência triste e mal cuidada (cf. I.1.3-14) que reflete o estado de seu autor exilado, será, por isso mesmo, reconhecido pelo povo, ainda que seu desejo fosse, na verdade, o anonimato; o livro de Marcial, embora seja também um estrangeiro⁴⁰ e venha de um autor “exilado”, pede a este um título, pois *deseja* ser reconhecido; além disso, o reconhecimento fácil da autoria do livro se dá não por seu aspecto exterior, mas por seu conteúdo: basta ler alguns versos e todos perceberão quem é o autor, proclamando escandalosamente essa descoberta (cf. *clamabunt*). Há, portanto, a reelaboração dos versos ovidianos num novo contexto, terminando com a reafirmação de uma idéia que é comum por toda a obra de Marcial: a popularidade de seu nome e de sua poesia e o enorme público leitor que possui por todo o Império Romano (cf. I.1, V.60.1-7, VI.64.24-26, VI.82.1-6, VII.17.9-10, VIII.3.3-8, X.9.3-4, X.103.3-4, XI.3.1-5, XI.24.5-9 etc.).⁴¹

Como breve conclusão para as teses aqui defendidas, pode-se dizer, então, que há, no processo de construção, por Marcial, de uma auto-imagem de poeta “exilado”, um rico jogo de semelhanças e contrastes em relação à poesia ovidiana de exílio: o epigramatista, para formar essa auto-imagem, se nutre das semelhanças de sua situação com aquela do Ovídio exilado dos *Tristes* e das *Cartas do Ponto*, servindo-se dos efeitos de sentido, trazidos a seu texto pelos intertextos com essas obras ovidianas, para reforçar e conferir dramaticidade e significação à auto-imagem de “exílio” presente no livro XII; ao mesmo tempo, porém, torna patentes as diferenças de sua condição em relação à de Ovídio, seja através da desconstrução da imagem de exílio – desembocando num fecho cômico que dissipa o clima triste e sério que fora trazido pelas alusões às elegias ovidianas, quebrando, portanto, as expectativas –, seja através do abrandamento dessa imagem – visando ao louvor de amigos ou patronos que teriam o poder de diminuir ou anular os efeitos negativos da condição de “exilado”.

40 É interessante lembrar, com Zingerle (p. 27), que Marcial pode ter se inspirado no verso 59 da elegia ovidiana ao compor o v. 2 de seu epigrama, especialmente pelo uso de verbo de movimento na segunda pessoa do singular (*uenias* em Ovídio, *ibis* em Marcial), de expressão indicativa do destino (*in urbem/Romam*, respectivamente) e do substantivo *peregrinus*.

41 Numa leitura alternativa – e mais ousada – dos dois versos finais de XII.2, caberia perguntar se Marcial, com tantas e tão claras alusões, nesse epigrama, à poesia de Ovídio, não nos quer alertar, no fecho do poema, para o fato de que, apesar dos muitos empréstimos ovidianos, seu epigrama, bem como seu livro, continuam a ser inteiramente *seus*. Seria uma interpretação – digamos – meta-intertextual, na medida em que calcada numa consciência do poeta dos próprios processos da *imitatio* e da *aemulatio* que estavam no cerne da criação literária da Antigüidade, com a reelaboração criativa, em novo contexto, de elementos emprestados de outros autores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CESILA, Robson Tadeu. *Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise*. Campinas, 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística/Letras Clássicas). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.
- CLS³: ver SANDYS.
- BICKEL, Ernst. *Historia de la Literatura Romana*. Madrid: Gredos, 1982.
- CAIRNS, Francis. *Generic Composition in Greek and Roman Poetry*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1972.
- GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. 3. reimpr. New York: Oxford University Press, 1985.
- GRANT, Michael. *A Guide to the Ancient World: A Dictionary of Classical Place Names*. New York: Barnes & Noble, 1997.
- HINDS, Stephen. *Allusion and Intertext: dynamics of appropriation in Roman poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony (ed.). *The Oxford Classical Dictionary*. 3. ed. New York: Oxford University Press, 1999.
- IZAAC, H. J. *Martial. Épigrammes*. Texte établi et traduit par H. J. Izaac. Paris: Les Belles Lettres, 1930 (v. I), 1933 (v. II, parte II), 1961 (v. II, parte I, 2. ed.).
- OCD³: ver HORNBLOWER & SPAWFORTH.
- OLD³: ver GLARE.
- PRATA, Patrícia. *O Caráter alusivo dos Tristes de Ovídio: uma leitura intertextual do livro I*. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística/Letras Clássicas). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.
- SANDYS, John Edwin (ed.). *A Companion to Latin Studies*. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1943.
- SULLIVAN, J. P. *Martial: the unexpected classic*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- WHITE, Peter. The friends of Martial, Statius, and Pliny, and the dispersal of patronage. *Harvard Studies in Classical Philology*. Cambridge, London, v. 79, p. 265-300, 1975.
- WILLS, Jeffrey. *Repetition in Latin Poetry: Figures of Allusion*. Oxford, New York: Oxford University Press, 1996.
- ZINGERLE, A. *Martialis Ovidstudien. Untersuchungen*. Innsbruck, 1877.